



Obsessões de um Gênio¹

Willian Sales da Silva²
Luciana Leme Souza e Silva³
Selma Benedita Coelho⁴

Centro Universitário de Rio Preto – UNIRP, São José do Rio Preto, SP.

RESUMO:

Este artigo é um trabalho que visa uma breve análise das produções do renomado diretor inglês Alfred Hitchcock. Com um olhar crítico, avalia-se as características da personalidade de personagens como Norman Bates (Psicose - 1960) e John Scottie Ferguson (Um corpo que cai - 1958) relacionando-as com o excêntrico “Pai do Suspense”. Além disso busca-se mostrar, através de marcas deixadas por Hitchcock, a base da criação de suas obras, a influência do criador com a criação e vice-versa. Questiona-se também a influência dos filmes na vida do diretor, e as consequências, boas ou ruim, dessa relação intensa entre o gênio e suas produções de sucesso.

PALAVRAS-CHAVE: Hitchcock; obsessões; psicose; um corpo que cai;

1-INTRODUÇÃO

As múltiplas faces da genialidade

Não há como negar a genialidade de Alfred Joseph Hitchcock. Um ícone da cultura cinematográfica, seu nome até hoje é referencia quando o assunto é surpreender, impactar e assustar o telespectador. Conhecido como "Pai do Suspense" Hitchcock produziu muito dos filmes que hoje servem de inspiração para diretores e produtores de televisão. Pode-se citar como exemplo a série de TV norte - americana Bates Motel (inspirada na vida de Norman Bates, personagem central do filme "Psicose" um dos maiores sucessos do diretor).

¹Trabalho submetido na IJ 4 – Divisão Temática Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – IJ4 - Comunicação Audiovisual do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

²Aluno líder do grupo e estudante do 1º período do Curso de Comunicação Social /Publicidade e Propaganda, email: will.salles@hotmail.com.

³Orientadora do trabalho. Profª/Coordenadora do Curso de Comunicação Social da UNIRP, email: luciana@unirp.edu.br.

⁴Co-Orientadora do trabalho. do Curso de Comunicação Social da UNIRP, email: selma-coelho@uol.com.br



Desde cedo a vida de Hitchcock foi marcada por circunstâncias que influenciaram diretamente na construção de sua personalidade. Durante a infância fora uma criança solitária, reclusa. Sua educação consistia em um regime rígido e disciplinado. Esse isolamento incitou em Hitchcock a curiosidade e perspicácia, características que o seguiram por toda carreira. Na adolescência, Alfred se destacou, ironicamente, por seu lado brincalhão e travesso. Não raro causava alvoroço e infringia as regras do colégio católico em que estudava. Esses atributos aparecem como características típicas de seus filmes. O fascínio de Hitchcock pela transgressão, também se dá pela relação que tinha com o pai, Willian Hitchcock, um autoritário comerciante de frutas e legumes da região de East End. Durante a pesquisa pude perceber que a índole dos personagens criados por Alfred vai contra todos os valores que seu pai lhe ensinou. Seria esta uma maneira de confrontar os ensinamentos e exigências de Willian? Possivelmente.

Alguns acreditam que o sucesso das produções de Alfred se deve a esses e outros dramas que o diretor viveu. Seus personagens, muitas vezes vistos como vilões, são o resultado de uma vida conturbada e dramática. Para Donald Spoto, Hitchcock espelhava muito de si em seus trabalhos. No livro de Skip Dine Young encontra-se um relato do biógrafo sobre o diretor:

“Os filmes de Hitchcock são os seus cadernos e diários... a sua descrição quase maníaca era uma maneira deliberada de desviar a atenção daquilo que os filmes realmente eram: documentos surpreendentemente pessoais” (YOUNG, 2014, p.84).

A carreira de Alfred foi marcada por excêntricas peculiaridades que beiravam a loucura. Da vasta lista de produções do diretor, quase todas possuem alguma característica relacionada a distúrbios psicológicos. O filme "Um Corpo que Cai" é considerado por Spoto o exemplo perfeito das obsessões psíquicas de Hitchcock. O Filme conta a história de John Scottie Fergusson (James Stewart), um detetive de São Francisco, que sofre de acrofobia e vertigem.



Imagem 1 – Cena do Filme “Um Corpo que Cai”

Em determinada ocorrência o companheiro de John acaba morrendo, pois sua doença o impede de salvar o amigo. Este incidente afeta drasticamente o detetive, que decide se aposentar, com medo de que outro ataque de vertigem o impeça de realizar seu trabalho. Tempos depois, um antigo colega de John, Gavein Elster, o procura em busca de ajuda. Ele pede ao ex-policia que siga sua esposa, Madeleine (Kim Novak), pois ele acredita que a mulher esta possuída pelo espírito de sua bisavó, que sofria de tendências suicidas. De primeiro momento o detetive se recusa a acreditar na história do marido, mas acaba aceitando o caso. John passa alguns dias seguindo a mulher, por quem ele se sente cada vez mais atraído, em busca de algum sinal que confirme a teoria de Gavein. Com o decorrer da história Scottie começa a perceber que realmente há algo de estranho acontecendo com Madeleine. Inicia-se aí uma busca incessante do policial por uma solução racional para o tormento de sua amada.



Imagem 2 – Cena do Filme “Um Corpo que Cai”

Numa tentativa desesperada de salvar Madeleine do suicídio iminente, John a leva até o lugar que a atormenta em seus “sonhos”, uma antiga capela espanhola, acreditando que

um choque de realidade irá ajudá-la a superar seus medos. Infelizmente, para Madeleine, sua possível salvação torna-se sua tumba e, novamente, a doença de John o impede de “realizar seu trabalho”, só que desta vez a perda foi mais dolorosa e a culpa o consumiu. Transtornado o detetive acaba em um sanatório sofrendo pela perda de Madeleine, e mais ainda, sentindo-se responsável pela morte da amada. Quando finalmente é liberado do hospital, ele encontra na rua uma mulher muito parecida com Madeleine, ela se apresenta como Judy Barton. John fica obcecado pela moça, e tenta aproximar-se dela a todo custo.



Imagem 3 – Cena do Filme “Um Corpo que Cai”

Com o desenrolar do relacionamento Scottie insiste que a mulher mude sua maneira de se vestir e o penteado, para que fique parecida com Madeleine. Judy aceita, pois está apaixonada, mas não revela a John um terrível segredo: Uma conspiração entre ela e Gavein, que planejava, maquiavelicamente, matar a verdadeira Madeleine fazendo parecer suicídio, tendo John como testemunha do crime, já que sua acrofobia o impediria de salvar a mulher de uma queda fatal. O que não estava nos planos era o amor de Judy e Scottie. Esse sentimento só foi superado pelo raiva que o detetive sentiu ao descobrir tamanha traição. Motivado pelo ódio John consegue, finalmente, subir os degraus que o impediram de “salvar” Madeleine, porem este feito não impediu que outro corpo caísse, desta vez o de Judy.

No filme, toda referencia que se tem ao amor ou relacionamento baseia-se na obsessão. Marjorie Wood, amiga de John é visivelmente apaixonada por ele. O detetive parece ignorar esse sentimento, vendo-a apenas como uma boa amiga. Sua obsessão por Scottie não chega a ser explicita, como a dele por Madeleine, mas é tão perigosa quanto. Em dado momento do filme Marjorie, que é artista plástica, pinta um quadro para John onde ela se representa como a bisavó de Madeleine. Uma tentativa insensata de chamar a

atenção dele, para a existência dela como mulher. Uma forma de dizer “Olhe para mim, eu posso ser tão boa quanto ela”.

A obsessão de Scottie por Madeleine é, possivelmente, o drama principal da história. O amor possessivo que ele sente pela mulher mesmo depois de sua morte é descomunal, tão intenso e poderoso que foi capaz de levá-lo as portas da insanidade. Seu relacionamento com Judy é um reflexo dessa paixão doentia. Podemos perceber nitidamente a relação de submissão e poder entre a garota e o detetive.

Outro fator relevante é com relação à música do filme, que no caso chega a dizer mais que as palavras como afirma o próprio Hitchcock no livro *A música do Filme*:

De qualquer maneira, tão importante quanto criar música, é decidir se a cena precisa da música em si, independentemente de suas qualidades musicais. O grande mestre Max Steiner⁴ chegou a afirmar que “A coisa mas difícil na composição é saber quando começar e quando parar”. É uma decisão conceitual e quando bem conduzida reflete resultados criativos. Em *Um Corpo que Cai* (Vertigo,1958), há muitas cenas em que a música conduz a narrativa da imagem, sem presença de diálogo algum. O compositor Bernard Hermann¹⁴ citou uma passagem do *spotting* desse filme quando Hitchcock disse: “A música será melhor do que palavras aqui” (BERCHAMANS,p.31).



Imagem 4 – Cena do Filme “Um Corpo que Cai”

A relação de possessão também é atribuída a Alfred no livro “Fascinado Pela Beleza” de Spoto. Na edição ele retrata a relação de amor, ódio e posse do diretor para com suas



atrizes. Nele são citados nomes como Ingrid Bergman, Kim Novak e Grace Kelly. Esse temperamento de Hitchcock também é explorado no documentário "The Girl" (de Julian Jarrold). O filme retrata um Alfred Hitchcock sombrio, assustador e possessivo.

“Indicado a três categorias do globo de ouro e baseado no livro Fascinado Pela Beleza, The Girl conta uma história conhecida: a obsessão do diretor inglês por Tippi Hedren, protagonista de Os Pássaros (1963), uma de suas obras primas, e Marnie - Confissões de uma Ladra.” (PÉCORA, 2013 ultimosegundo.ig)

A paixão de Hitchcock pela atriz era doentia, mas a mulher nunca cedeu as investidas do diretor. É fato que a rejeição nos induz a atitudes extremas, e para Spoto, a recusa de Tippi levou o diretor a assediá-la, física e verbalmente. Em entrevista, Hedren disse que o cineasta a colocou em uma “prisão mental” e acabou com sua carreira. “Os produtores e diretores me queriam em seus filmes. Mas tinham que passar por ele (Hitchcock) para chegar até mim, e tudo o que ele dizia era 'Ela não está disponível’” (PÉCORA, 2013 ultimosegundo.ig). Há também um momento do documentário em que vemos um lado sádico do gênio obscuro. Nele é retratada uma cena do filme “Os Pássaros” onde Hedren seria atacada por pássaros mecânicos, mas Hitchcock utiliza pássaros reais, e exige que a cena seja refilmada. “Nem tudo é possível se ensinar com carinho” Diz o diretor. (PÉCORA, 2013 ultimosegundo.ig)

Muitas pesquisas divergem sobre este assunto, mas vale lembrar o vasto currículo de obsessões psíquicas de Alfred (que serão retratadas neste mesmo trabalho, mais adiante). Sua mente era uma fábrica de sucessos, sempre genial, sempre obscura. Seus heróis, que, ao mesmo tempo, eram vilões, levam consigo a essência da insanidade que paira sobre a alma de todo homem, mas em nosso diretor sombrio, esse lado negro trouxe-lhe fama e glória.

Uma nova história de suspense e loucura

Com quatro indicações ao Oscar, Psicose foi uma das mais renomadas obras de Hitchcock. Uma produção totalmente dirigida, produzida e custeada por Alfred, o filme foi um marco na história cultural, levando o cinema aos mais elevados níveis de consagração. “Baseado na novela do americano Robert Bloch, o filme Psicose entrou



para a história do cinema como uma das obras de suspense mais audaciosas e desconcertantes.” (GABILHERI – Análise do filme 'Psicose' – de Alfred Hitchcock).

A trama se passa, inicialmente, em Phoenix. A personagem Marion (Janet Leigh), é uma secretária que leva uma vida simples e sem muitos recursos. Em determinada situação a moça é incumbida de levar a quantia de 40 mil dólares até o banco. Impressionada com o valor a mulher se sente tentada a roubar o dinheiro, e o faz.



Imagem 5 – Cena do Filme “Psicose”

Marion foge da cidade e acaba indo parar no Bates Motel um pequeno estabelecimento comandado pelo, aparentemente simpático, Norman Bates (Anthony Perkins). O jovem se mostra muito dedicado e atencioso, mas após algum tempo conversando com ele a moça percebe que suas manias fogem da normalidade. Sua obsessão por taxidermia e pela mãe são desconhecidas. O homem fica visivelmente perturbado quando Marion, em meio a um diálogo, sugere que ele interne a mãe em uma clínica. Ela, desconfortável, se desculpa e vai até seu quarto para tomar um banho, sem desconfiar do trágico fim que a espera. Nesta cena, ponto alto do filme, uma figura feminina que acredita ser a mãe doente e inválida de Norman, aparece nos aposentos da secretária e mata a mulher ali mesmo, com várias facadas, a famosa “cena do chuveiro”.



Imagem 6 – Cena do Filme “Psicose”

Hitchcock rejeita o voyeurismo sádico, deseja suscitar o terror sem nada revelar. Esta sequência alucinante não mostra um único golpe desferido, mas o seu *staccato* visual, sustentado por uma música estridente, ao esconder-nos o essencial, sugere-nos o homicídio. A fragmentação do tempo permitida pela utilização de algumas dezenas de segmentos de planos na montagem serve para construir o espaço interdito da visão do crime. (Gramática do Cinema p.303).

E a música novamente carrega forte influência no filme, no caso quase foi alterada por insistência de Hitchcock que não concordava com Herrmann, sem saber que a passagem seria umas das cenas mais lembradas do cinema, principalmente por causa da música:

Para a lendária cena do assassinato no chuveiro, Hitchcock inicialmente refutou a ideia dos violentos “golpes” dos violinos proposta por Herrmann. Herrmann insistiu nos violinos argumentando que tinha criado uma frase musical rápida, repetitiva e estridente como se descrevesse na música sucessivas apunhaladas. Apesar da inventividade e originalidade do compositor, Hitchcock não concordava com ele porque queria notas graves e longas, não acreditava que a proposta do compositor fazia sentido. A discordância culminou com um breve desentendimento entre os dois. Hitchcock disse para Herrmann aproveitar o período de festas natalinas, pensar bastante no assunto e desistir da ideia dos violinos. Passados os feriados, Herrmann voltou a insistir até que Hitchcock, a contra gosto, cedeu e permitiu que fosse usado esse tema. Ironia do destino, a clássica passagem é uma das cenas mais lembradas da história do cinema e em grande parte notadamente por causa de sua música memorável. (BERCHMANS, 2012, p.42).

O desaparecimento de Marion começa preocupar seus familiares, então sua irmã Lila decide ir até a cidade onde mora Sam, o namorado da secretária, juntamente com o detetive Alborgast na esperança de que Marion tenha ido até o amado. Sem encontrar nenhuma pista com Sam, Alborgast inicia uma busca pela cidade. Logo ele descobre o

Bates Motel, e o lugar passa a ser cogitado como possível esconderijo da secretária. Depois de um interrogatório com Norman, o detetive percebe que há algo muito estranho com o proprietário do motel, e decide ligar para Lila informando-a de suas suspeitas.



Imagem 7 – Cena do Filme “Psicose”

Ele resolve que irá interrogar a mãe de Norman, mas seus planos são frustrados, pois assim que entra na casa é assassinado pela mesma figura feminina que matou Marion. A demora do detetive começa a preocupar Lila, que, junto com o cunhado, decide ir até o xerife da cidade para lhe pedir algum auxílio. Chegando lá ela conta a história para o homem que indaga, curiosamente, como Arbogast iria interrogar a mãe de Bates se ela já havia morrido? Decidida, ela e Sam partem para o Bates Motel em uma nova investigação particular. Chegando eles se hospedam no Motel, a fim de encontrar pistas sobre Marion e o detetive. Quando sua busca não resulta em nada a irmã resolve confrontar a mãe de Bates e acaba descobrindo a doentia verdade, o corpo da mulher empalado no sótão.



Imagem 8 – Cena do Filme “Psicose”



Nesse momento surge Norman vestido de mulher e ataca Lila, mas Sam surge e o imobiliza. O agressor é levado a delegacia, onde um processo é iniciado. Nesta cena surge um psicólogo explicando o porquê das ações de Norman.

Para compreender a ideia central deste filme é preciso entender o que é psicose.

“Grande prejuízo das funções psicológicas resultando numa incapacidade de satisfazer as necessidades comuns da vida, grave alteração da percepção (alucinações e delírios); profundas alterações do humor: marcado prejuízo do pensamento e memória.” (WHITAKER, p. 495)”

No caso de Bates o fator desencadeador para sua doentia personalidade pode ser associado ao Complexo de Édipo. A obsessão do homem pela mãe é tamanha que ele não se permitia viver sem a presença da mulher, tanto que a empalou e assumiu sua personalidade utilizando-se disto para cometer suas atrocidades. No final do filme o psicólogo explica que Norman e a mãe eram muito ligados, um sentia ciúmes do outro, em relação a todos os assuntos. Quando a mãe se apaixonou o filho se sentiu excluído e abandonado pela mãe. O ciúme é tanto que Norman acaba matando o casal a sangue frio. O rapaz não consegue viver sem a presença da mãe, então, ele rouba o cadáver da mulher e tenta, da melhor maneira possível, mantê-lo intacto. Com o passar do tempo só o corpo da mãe não era o suficiente. Norman queria conversar, interagir com ela, por isso, ele assumi para si a personalidade da mãe, atribuindo a mulher a culpa por todos os seus crimes. O filme faz com que acreditemos realmente que o assassino é a mãe de Norman (crédito que devemos atribuir a Hitchcock). O psicólogo também explica que a personalidade da mãe era metade da personalidade de Norman. Ele passou tanto tempo “fingindo” ser ela, que metade de si passou a ser controlada pela mulher. A influencia que essa “mãe” exercia sobre ele era tanta que, no final do longa, ela já havia assumido controle total da mente do filho.

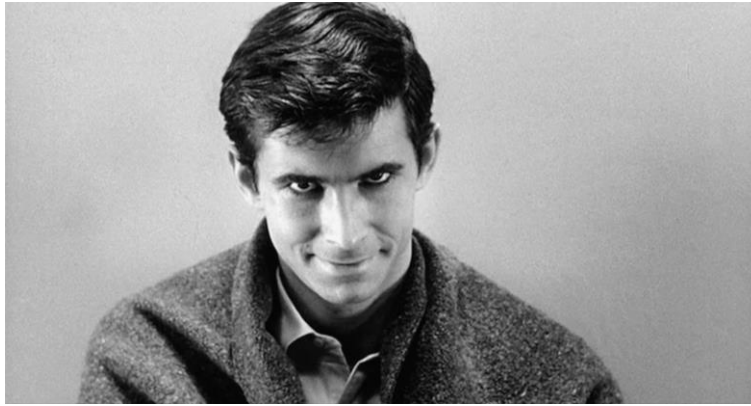


Imagem 9 – Cena do Filme “Psicose”

Em nossa breve pesquisa não há muitas menções da mãe de Hitchcock, ele pouco falava dela, mas isso não significa que sua relação com a mulher tenha sido feliz.

“Um fator desencadeador, não único, mas preponderante, para o aparecimento de distúrbios psicológicos é a relação com a mãe. A figura materna, por vezes, é desequilibrada a ponto de interferir na percepção do mundo do filho. É dominadora e acaba influenciando de maneira negativa sua prole. Os filhos podem crescer com um ódio destrutivo contra as mulheres em geral, em associação à mãe.” (GABILHERI – Análise do filme 'Psicose' – de Alfred Hitchcock).

Durante toda vida a relação de Hitchcock com as mulheres foi conturbada. Foi citado a cima a obsessão de Alfred por Tippi. Sua atitude possessiva e dominadora para com as mulheres é considerada por psicanalistas como característica importante na composição de um transtorno psicológico. Sua repressão ao nome da mãe, e seu visível desejo de submeter as mulheres a suas vontades é um reflexo da possível relação que tinha com Emma Hitchcock. O diretor transferiu para as mulheres de sua vida os sentimentos que tinha por sua mãe. É como uma forma de, inconscientemente, fazer com elas o que a mãe fez com ele. Ao mesmo tempo Hitchcock assume para si as atitudes da mãe, vendo em Tippi, por exemplo, um pequeno Alfred, que ele pode controlar e submeter a suas vontades, da mesma maneira que fora feito com ele quando criança.

Conclusão:

Seguindo essa linha de raciocínio pode se chegar a algumas conclusões, como, por exemplo, as incontestáveis obsessões do diretor, que, no mínimo fogem da normalidade.



Todos espelham um pouco de si em seus trabalhos, seja ele um filme, uma música ou até um artigo como este. As palavras impressas em um livro, as ações de um personagem, são reflexos de nossos próprios medos, vontades ou segredos, que guardamos a sete chaves. No caso de Alfred não havia medo. Ele transmitia a suas criações a verdadeira essência do “Hitchcock”, alguém que ocultava dentro de si um audacioso Norman Bates, que agia como bem queria, que passava por cima de quem cruzasse seu caminho, sem medo das consequências, ou um destemido e dominador John Scottie, que mesmo com suas fraquezas impactava poder e nas pessoas a sua volta. Cada criação do diretor era um fragmento de sua alma, pequenas partículas de Hitchcock, que quando combinadas traziam à tona um gigante, um gênio sombrio, que conseguiu até o último instante moldar seus talentos e direcioná-los para a arte, transmitindo em uma tela a parte obscura e poderosa de seu próprio ser, afinal só um louco pode descrever a loucura com tamanha perfeição, e esse era o dom de Alfred Hitchcock, descrever a si mesmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERCHMANS, Tony. **A música do filme**: tudo que você gostaria de saber sobre a música de cinema. São Paulo: Escrituras Editora, 2012.

BRISLANCE, Marie-France; MORIN, Jean Claude. **Gramática do Cinema**. Lisboa: Edições Texto&Grafia, 2010.

GABILHERI, Giovanna **ANÁLISE do filme ‘PSICOSE’** – de Alfred Hitchcock. Revista Com Saber, 2013.

YOUNG, Skip Dine. **A psicologia vai ao cinema**: o impacto psicológico da sétima arte em nossa vida e da sociedade moderna. São Paulo: Cultrix, 2014.

<http://www.cinemosai.com/2012/04/fascinado-pela-beleza-alfred-hitchcock-e-suas-atrizes.html> - Menção ao livro Fascinado pela beleza